

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
FLG0499 - TRABALHO DE GRADUAÇÃO INDIVIDUAL EM GEOGRAFIA II

Valber Luiz Santana Ribeiro

**Processo de reestruturação urbano-industrial do espaço na metrópole de São Paulo:
Implicações socioespaciais no bairro Belenzinho, zona centro-leste da capital paulista**

Orientadora: Prof^ª Dra Glória da Anunciação Alves

São Paulo, Fevereiro de 2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
FLG0499 - TRABALHO DE GRADUAÇÃO INDIVIDUAL EM GEOGRAFIA II

Valber Luiz Santana Ribeiro

**Processo de reestruturação urbano-industrial do espaço na metrópole de São Paulo:
Implicações socioespaciais no bairro Belenzinho, zona centro-leste da capital paulista**

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Geografia, sob orientação da professora Glória da Anunciação Alves

São Paulo, Fevereiro de 2022

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R484p RIBEIRO, Valber Luiz Santana
Processo de reestruturação urbano-industrial do
espaço na metrópole de São Paulo: Implicações
socioespaciais no bairro Belenzinho, zona
centro-leste da capital paulista / Valber Luiz
Santana RIBEIRO; orientadora Glória da Anunciação
ALVES - São Paulo, 2022.
39 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. GEOGRAFIA. 2. GEOGRAFIA HUMANA. 3. GEOGRAFIA
URBANA. I. ALVES, Glória da Anunciação, orient. II.
Título.

RESUMO

RIBEIRO, V. L. S. Processo de reestruturação urbano-industrial do espaço na metrópole de São Paulo: Implicações socioespaciais no bairro Belenzinho, zona centro-leste da capital paulista. Trabalho de Graduação Individual, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022

A presente monografia tem como objetivo de dialogar sobre os as contradições ocorridas em um espaço impactado diretamente pelas reestruturações urbanas e a desindustrialização acontecidas na Região Metropolitana de São Paulo ao longo dos anos. Consequentemente, pensar no impacto causado em fragmentos que tiveram o passado ligado à indústria. A pesquisa se desdobra em reflexões acerca do bairro Belenzinho, um bairro que guarda bastante resquícios industriais, assim como os vizinhos Brás, Mooca e Pari localizados na zona centro-leste da cidade de São Paulo. Esses bairros foram mais sensíveis ao longo da reestruturação, justamente por receberem em maior intensidade imigrantes de variados lugares do Brasil e do mundo, além de mudar radicalmente o seu uso, de bairro industrial para bairro residencial e pequeno comércio. Nos dias atuais o bairro Belenzinho quase que totalmente repaginado, ainda guarda marcas das indústrias que por ali passaram ao longo dos últimos 50 anos, além do mais, também estampa nas ruas as variadas histórias de imigrantes e moradores que guardam uma profunda marca com o bairro. Em contrapartida, nas ruas mais centrais do bairro se vê na mesma proporção dos galpões industriais antigos, condomínios residenciais de médio-alto padrão, representando concretamente a chegada de um novo perfil de morador no bairro, um morador mais abastado em relação ao morador mais antigo. Essa configuração possibilita dialeticamente a ocorrência do processo de reestruturação espacial, visto que em consequência de um movimento de valorização deste espaço, que resulta em intensos conflitos, uma vez que esse novo morador expulsa aqueles mais antigos cujo poder aquisitivo é menor.

Palavras-chave: Desindustrialização. Reestruturação urbana. Belenzinho. Valorização espacial.

ABSTRACT

RIBEIRO, V. L. S. Urban-industrial restructuring process in the metropolis of São Paulo: socio-spatial implications on Belenzinho, Central-East Zone of the state capital. Monography. Department of Geography, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

This monography aims to discuss the contradictions held in a space that has been directly affected by the urban restructure and deindustrialization processes that occurred throughout the years in the Metropolitan area of São Paulo. Hence, it also debates the impact over spaces that have an industry-related past. The research focuses on the Belenzinho area, a part of a district that retains multiple industrial traces — just like its surrounding areas such as Brás, Mooca and Pari, all located in the Central-East Zone of the city of São Paulo. These areas went through particular changes due to the substantial presence of immigrants from various locations, both from Brazil and worldwide, besides the radical restructure process that turned industrial areas into residential ones. Nowadays, Belenzinho is almost completely transformed, but it yet keeps vestiges related to the industries that had been there over the last 50 years; it also reveals the several histories of its residents and immigrants that mark the neighborhood's identity. On the other hand, the main streets of Belenzinho are marked by middle-to-high standard residential condominium complexes, which are the concrete representation of the arrival of a new resident profile in the area, a resident that is wealthier than the older ones. This scenario allows a dialectical process of spatial restructuring: the increasing value of this space results in intense conflicts, once the arrival of the new residents implies the expulsion of those who have less purchasing power, although they were there before.

Keywords: Deindustrialization. Urban restructuring. Belenzinho. Spatial valorization.

AGRADECIMENTOS

Certamente estes agradecimentos não são simples e nem justos, pois seguramente deixarei de mencionar pessoas que foram extremamente fundamentais na concretização da minha graduação em Geografia. Entretanto, buscarei destacar as pessoas cruciais para minha formação como pessoa e também como geógrafo.

Gostaria de começar pela principal pessoa da minha vida: mãe, muito obrigado por tudo! Sei que a senhora sempre acreditou em mim e em quem eu sou. Minha busca por resgatar tudo aquilo que *roubaram de nós há centenas de anos* segue sincera e com muita força. Todas as suas bênçãos são imprescindíveis para mim. Aproveito para agradecer os outros membros da minha querida família: meu pai que sempre foi exemplo daquilo que estava ao seu alcance, tudo isso é pelo senhor também; aos meus irmãos Wellington, Josimar e Felipe, e às minhas sobrinhas Kawany e Valentina; vocês não têm ideia do quanto me fortaleceram ao longo dessa caminhada de anos. Aproveito para me desculpar pelas inúmeras ausências, e saibam que por mais que eu esteja longe, sempre estou indo em direção à nossa casa.

Bruna, iniciamos essa caminhada juntos, obrigado por sonhar junto comigo, só satisfação olhar para o lado e ver você colhendo os seus frutos e também poder compartilhar os meus com você, também agradeço pelos conselhos dados por você nos últimos meses.

Paula, vários ensinamentos e várias trocas bem no meio deste processo de me tornar geógrafo; talvez tenhamos dividido a vida em um momento de desesperança, em que a sua companhia trouxe *cores lindas*.

Maíra, agradecerei você eternamente por ajudar a deixar mais sereno um momento tão difícil e incerto como o da pandemia, passar por esse período com você foi primordial para o gás necessário da reta final. Graças aos nossos momentos sagrados de fortalecimento, pude me deparar com o objeto de pesquisa do meu trabalho de conclusão; portanto, saiba da sua grandeza na construção deste momento tão especial, sua sensibilidade jamais será esquecida, obrigado.

Aos meus queridos colegas da Geografia da USP, em especial aos meus grandes amigos de curso, Mateus e Galvão! Construímos essa caminhada juntos, sem vocês nada disso seria possível. Ao Futsal da FFLCH por trazer sentindo na minha vida nos momentos mais turvos. Agradeço também à rapaziada do prancheta, em especial o Funchal. Gostaria de

mandar um salve para cada colega que dividiu o espaço de moradia do CRUSP comigo, só nós sabemos o peso de nossas conquistas. Por tudo que literalmente seguramos, somos sobreviventes de guerras. Racionais Mc's, em diversos momentos vocês foram meus únicos amigos, obrigado por cada ensinamento. Não poderia deixar de mencionar aqui o amor que sinto pelo Corinthians, fiel até o fim por você.

Agradeço a todo o departamento de Geografia da USP, professores, funcionários, monitores, alunos e demais colegas no geral, levarei para sempre comigo cada momento vivenciado com vocês nesses anos todos. E, por fim, meu muitíssimo obrigado, professora Glória! Suas orientações foram primordiais nessa reta final, fazendo esse temido momento ficar muito mais leve.

Enfim, foram anos incríveis que eu pude construir e compartilhar com pessoas incríveis e amadas por mim, só satisfação por cada um de vocês, sem exceção!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto do contraste entre as edificações do Belenzinho.....	16
Figura 2 - Área de estudo com as referências citadas ao longo da pesquisa.....	18
Figura 3 - Mapa de rendimento nominal médio mensal por setor censitário do censo de 2000.....	20
Figura 4 - Mapa de rendimento nominal médio mensal por setor censitário do censo de 2010.....	21
Figura 5 - Foto do Belenzinho, com galpões deteriorados e antigos em primeiro plano e condomínios recém construídos ou em construção ao fundo, próximos à região central do bairro.....	25
Figura 6 - Foto do Belenzinho, com diferentes padrões das edificações, próximos à região central do bairro, marcando o exato ponto da tensão.....	30
Figura 7 - Imagem do Google Earth do ano de 2002 do bairro Belenzinho, zona centro-leste de São Paulo/SP.....	32
Figura 8 - Imagem do Google Earth do ano de 2012 do bairro Belenzinho, zona centro-leste de São Paulo/SP.....	33
Figura 9 - Foto do contraste entre as edificações do Belenzinho, com edificações antigas ou de alvenarias em primeiro plano e parte de novos condomínios ao fundo, na parte superior da foto.....	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. PENSANDO EM UM OBJETO DE PESQUISA.....	10
1. MORFOLOGIA URBANA DA ÁREA DE ESTUDO - BAIRRO BELENZINHO.....	12
1.1. DIFERENCIAÇÕES NAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS.....	14
1.2. CARACTERÍSTICAS OBSERVADAS DA DESIGUALDADE NA ÁREA DE ESTUDO.....	16
2. PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO URBANO-INDUSTRIAL NA METRÓPOLE DE SÃO PAULO.....	23
3. A PAISAGEM URBANA NA METRÓPOLE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL.....	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO. PENSANDO EM UM OBJETO DE PESQUISA

Ao buscar um objeto de pesquisa para o “Trabalho de Graduação Individual”, foi pertinente refletir sobre o meu próprio dia a dia em São Paulo e em perceber como a vida contempla uma dinâmica espacial contraditória, desigual e naturalizada que muitas vezes se apresenta de maneira posta e acabada, vivenciada através da diferenciação das formas que constituem a cidade, assim como na diversificação do acesso ao uso do espaço por seus habitantes.

Diariamente andando pelas ruas da cidade de São Paulo, constituindo memórias e vivências, eu pude notar o quão dinâmica a vida é nesse espaço, a cidade parece borbulhar, parece ferver quase que 24h por dia. Para muitas pessoas advindas de outros lugares do Brasil, como o meu caso, a cidade de São Paulo é conhecida como a cidade que nunca dorme. Não é para menos, pois, conforme nos diz ALVES (2011),

“São Paulo é a cidade centro da Região metropolitana de São Paulo, composta por 39 municípios, considerada por muitos intelectuais como uma cidade global, ou seja, uma cidade que tem, na escala brasileira, o papel gerenciador de atividades econômicas, produtivas e financeiras e que faz parte de uma rede de cidades, as cidades globais, rede essa que comanda as atividades produtivas em escala global” (ALVES, 2011, p. 34).

Ao longo dos últimos sete anos vivendo em São Paulo, passando quase que sempre pelos mesmos bairros e mesmas ruas, é notável o quanto esses lugares pelos quais eu passo diariamente, seja de maneira singela ou abrupta, inevitavelmente se alteraram. Isso me mostra que tudo está em um eterno movimento, inclusive numa cidade global como São Paulo em que o ritmo é de fato alucinante.

Ao circular muitas vezes pelo mesmo local, tornou-se perceptível a existência de amplos contrastes nas formas de ocupação do espaço e nas diferenciações estruturais da morfologia espacial que constitui diversos trechos urbanos do município. Residências construídas com materiais diferenciados, com acabamento ou não, sobrados com apenas poucos cômodos, refletem explicitamente a desigualdade socioespacial da maneira de habitar. A partir dessa realidade comecei a me questionar: Por que determinadas formas se encontram nesses locais? Quais são os conteúdos intrínsecos à essas formas existentes?

No ano de 2015, foi elaborado o “O Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras”, a pesquisa organizada pelo Programa das Nações Unidas (PNUD) em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Fundação

José Pinheiro, com o apoio da Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano (Emplasa). Após um levantamento de dados provenientes tanto do atlas, quanto do IBGE e a espacialização das informações, foi possível verificar uma ampla desigualdade socioeconômica no território brasileiro nas mais diversas escalas. Por exemplo, enquanto localidades como Granja Viana e Alphaville (lugares em que predominam os condomínios de alto padrão localizados na Região Metropolitana de São Paulo) apresentavam elevados índices de qualidade de vida (comparáveis aos melhores IDHs globais), outras áreas ficaram muito abaixo dos números desejáveis, sendo apontado um “abismo social” entre as populações residentes em relação às condições de moradia, infraestrutura e saneamento básico.

Essa desigualdade é perceptível em diversas escalas, seja ela na escala da metrópole como o exemplo citado no parágrafo anterior, ou em escalas maiores em nível de bairro. Ao olharmos para as desigualdades socioeconômicas de alguns bairros de São Paulo, o conflito é mais abrupto, assim como ocorre em bairros centrais.

Nos bairros que vêm sofrendo com o processo de desindustrialização (PADUA, 2007) há uma tensão e uma desigualdade evidente, cujo resultado disso está refletido na paisagem ao olharmos para as grandes diferenças entre as edificações antigas e as edificações novas.

Com base na observação do quadro da desigualdade apresentada pelo Atlas, além das percepções abstraídas em meu cotidiano, esse trabalho buscou em primeira instância analisar o conceito de “morfologia desigual na Região Metropolitana de São Paulo” e seu conteúdo de formação, tomando como estudo de caso um fragmento do bairro Belenzinho. Apontando como objeto de estudo duas formas espaciais que refletem as contradições da maneira de habitar na cidade, sendo: as edificações antigas que são compostas por galpões, casas e prédios antigos, e os novos complexos imobiliários de condomínios cada vez mais crescentes no Belenzinho.

Minhas inquietações na escolha dessa área, foram devido à expressiva aproximação entre as formas de moradia e seu explícito contraste estrutural, arquitetônico e organizacional. A grosso modo, as contradições se revelam através da diferenciação pronunciada entre condomínios de médio e alto padrão e os edifícios antigos das décadas de 1950 e 1960. Além da confrontação explícita entre as duas realidades, minha hipótese de trabalho parte da seguinte reflexão: Observando a paisagem no plano fenomênico e sua morfologia diversificada na área de estudo, como formas estruturais tão díspares podem refletir um

processo de segregação socioespacial existente na metrópole? Será que eu posso dizer que essa paisagem observada revela através de suas diferenças a segregação?

1. MORFOLOGIA URBANA DA ÁREA DE ESTUDO - BAIRRO BELENZINHO

No fim do século XIX, o local onde hoje se encontra o bairro Belenzinho, era um ponto de grandes chácaras da elite paulistana. Com o passar dos primeiros anos adentrando o século XX, o bairro começou a ser habitado por imigrantes oriundos de diversas partes do mundo. Era um momento em que o Brasil passava por um processo de imigração muito intenso financiado pelo próprio governo brasileiro, para atrair uma nova mão-de-obra para as lavouras de café no interior paulista. A entrada de imigrantes era alimentada também pela “busca da melhoria da raça”. Um dos principais grupos de imigrantes que vieram atrás desse novo “paraíso”, em busca de uma vida melhor, se estabelecendo e fundando colônias, foram os imigrantes italianos, sendo um dos grupos mais predominantes nos bairros além Tamanduateí (CASTRO & FILHO, 2007).

A maioria dos imigrantes ficou, em média, de quatro a cinco anos nas fazendas de café. Muitos que não suportaram fugiram para a capital, em busca de trabalho e melhores condições de vida, instalando-se em cortiços nos bairros fabris do Belenzinho (CAMARGO, 2017).

Era comum que os operários, muitos desses imigrantes morassem perto das fábricas que estavam instaladas nos galpões localizados nas ruas do bairro na época. No início essas indústrias recém chegadas eram compostas por vidrarias e tecelagens fazendo com que a população local aumentasse significativamente devido à oferta de trabalho. Dessa forma, a indústria ajuda na ascensão desses bairros, estruturando-os e tornando-os um atrativo a mais para os imigrantes que chegavam conforme nos diz CASTRO & FILHO (2007).

As ruas do bairro do Belenzinho guardam essa marca profunda com os rastros das indústrias que por ali estiveram, e pelas casas antigas dos trabalhadores. Assim sendo, esse processo configura a formação da base das primeiras indústrias da capital paulista do Brasil, além de ser o embrião da sociedade paulistana, uma sociedade que praticamente forma toda a zona leste que conhecemos hoje. Sobre o impacto em relação às edificações desses bairros industriais e a sociedade que ali se estabelecia, CASTRO & FILHO (2007) diz:

“Assim, devemos compreender que a formação industrial da cidade de São Paulo está intimamente ligada com o processo migratório que o Brasil passa a proporcionar com mais intensidade a partir de 1870 até 1930. Esse período se torna primordial para a formação da base industrial da capital paulista e para a formação da sociedade paulistana, em todas as camadas sociais presentes ao período”(CASTRO & FILHO, 2007, p. 44).

Com o passar do anos as indústrias que se localizavam no Belenzinho começaram a passar pelo processo de desindustrialização, neste momento inicia um conflito na metrópole paulista entre o capital industrial e o capital financeiro, segundo PADUA (2007) o capital industrial passa a perder influência junto ao poder público com o capital financeiro tomando a dianteira como foco das políticas econômicas.

Desta forma as indústrias foram saindo do Belenzinho, deixando para trás o terreno cujo o qual essas indústrias estavam instaladas e também os diversos trabalhadores imigrantes que foram atraídos inicialmente para esse local devido à oferta de emprego. Havendo portanto a desindustrialização no bairro que consequentemente dá sustentação para o bairro Belenzinho tornar-se áreas ‘reservas’ para a atuação dos empreendedores imobiliários no momento oportuno.

O cerne desta pesquisa é levantar a hipótese de que a atuação do mercado imobiliário está ocorrendo com força neste momento, mais especificamente ao longo desses anos do século XXI, sendo assim, um bairro que outrora foi industrial está passando pelo processo de reestruturação urbana por consequência dos interesses do mercado imobiliário. Sobre esse processo de desindustrialização e reestruturação urbana, PADUA (2007) diz:

“A desindustrialização se configura para nós como um fenômeno identificável na escala local e que, ao mesmo tempo em que é desencadeado por outros processos, produz suas derivações, sendo uma mediação necessária de uma problemática espacial do momento atual. Nas metrópoles a indústria ocupou e ocupa grandes áreas que, em sua maioria, foram incorporadas pela mancha urbana com o crescimento das cidades. No momento em que a indústria diminui a sua produção nestas áreas, desocupa muitos terrenos, revelando a sua localização no contexto da metrópole como fundamental. Estas áreas passam inicialmente por uma inescapável desvalorização, dada a deterioração dos edifícios fabris e do entorno. Podem tornar-se, portanto, áreas ‘reserva’ para a atuação dos empreendedores imobiliários. ou seja, podem vir a ser áreas de valorização”(PADUA, 2007, p.11).

O processo de desindustrialização significou para o bairro Belenzinho o desamparo de grande parte dos imigrantes e trabalhadores que tinham chegado no bairro no decorrer do século XX, foi possível constatar isso ao longo dos trabalhos de campo nas conversas feitas de forma informal com alguns moradores antigos.

Além do mais, conforme PADUA (2007), o processo de desindustrialização gera uma desvalorização espacial devido a deterioração do entorno e consequentemente uma nova onda de valorização é gerada principalmente pelo poder público e o mercado imobiliário em si. Como se trata de um espaço deteriorado e desvalorizado, o mercado imobiliário se interessa na medida em que as chances da obtenção de grandes lucros aumenta se a valorização for efetivada neste processo de reestruturação urbana.

1.1. DIFERENCIAÇÕES NAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS

Esses antigos bairros industriais têm em comum uma importante experiência de ‘centralidade periférica’, conforme destaca PEREIRA (2007), pois os bairros compartilham o fato de se localizarem nas terras baixas das várzeas inundáveis do rio Tamanduateí, bem como as ferrovias que nelas se instalaram. Isso é um marco não apenas topográfico, mas também simbólico, a partir do qual se constituiu uma nova forma de segregação socioespacial na então nascente metrópole cafeeira e industrial, ao separar dos bairros burgueses os que viviam ‘além Tamanduateí’, ou seja, a classe trabalhadora. Sobre isso Pereira diz que:

“Do final do século XIX até meados do século XX, forma-se um território segregado étnico e operário, a sua ‘integração segregada’ por meio de uma urbanização que implementava uma infra-estrutura de ‘segunda classe’ de forma higienista, que reproduzia a exploração e disciplinarização da fábrica na habitação, como no caso das vilas operárias” (PEREIRA, 2007, p.3).

A segregação é uma dinâmica espacial que não se manifesta de maneira direta na paisagem urbana, através de sua diferenciação, sendo esta, materializada através da morfologia, estrutura, tamanho e cor das formas que compõem determinadas áreas urbanas. No plano do lugar, a realidade percebida na vida cotidiana das populações, revelam desigualdades de acesso aos lugares de realização da vida cotidiana. Segundo CARLOS (2013),

"A desigualdade na qual se assenta a sociedade de classes, apoiada na existência da propriedade privada da riqueza, cria acessos diferenciados dos cidadãos à metrópole, em sua totalidade, a partir da aquisição da moradia. A produção do espaço urbano funda-se, assim, na contradição entre a produção social da cidade e sua apropriação privada” (CARLOS, 2013, p.97).

O cotidiano subdivide-se entre lazer, circulação, trabalho e vida privada, nesse sentido, a produção do espaço da metrópole atrelado a propriedade privada da riqueza e a divisão da sociedade pautada em classes, dá sentido ao processo de segregação socioespacial

sentida inicialmente através dos impeditivos do corpo, que é obstruído de circular pelas barreiras impostas pelas formas da arquitetura dos loteamentos fechados.

Devido aos impasses urbanos, tais como: políticas habitacionais falhas (explicitando as desigualdades de acesso a moradia), problemas em relação a circulação (transportes precários, escassez na frota do transporte coletivo, alto preço das passagens, distâncias longínquas), barreiras sociais e estigmas construídos em determinados espaços de lazer e recreação, acabam por explicitar a segregação como produto final da diferenciação observada. Com base na abordagem de CARLOS (2013):

“A segregação vivida na dimensão do cotidiano (onde se manifesta concretamente a concentração da riqueza, do poder e da propriedade) apresenta-se inicialmente como diferença, tanto das formas de acesso à moradia (como expressão mais evidente da mercantilização do espaço urbano), quanto em relação ao transporte urbano como limitação de acesso às atividades urbanas (como expressão da separação do cidadão da centralidade), bem como através da deteriorização/cercamento/diminuição dos espaços públicos (como expressão do estreitamento da esfera pública). Essa diferenciação ganha realidade como separação/apartamento, condicionando as relações sociais, assim como o modo que cada cidadão se apropria do espaço. Deste modo, a segregação surge em contradição à reunião (sentido mais profundo da prática urbana) como porta de entrada para a compreensão da condição urbana hoje, na metrópole”. (CARLOS, 2013, p.98)

Desta forma, conforme CARLOS (2013), a segregação tem sentido como um conceito, no momento em que o pesquisador em campo evidencia de forma empírica as realidades vividas e práticas cotidianas.

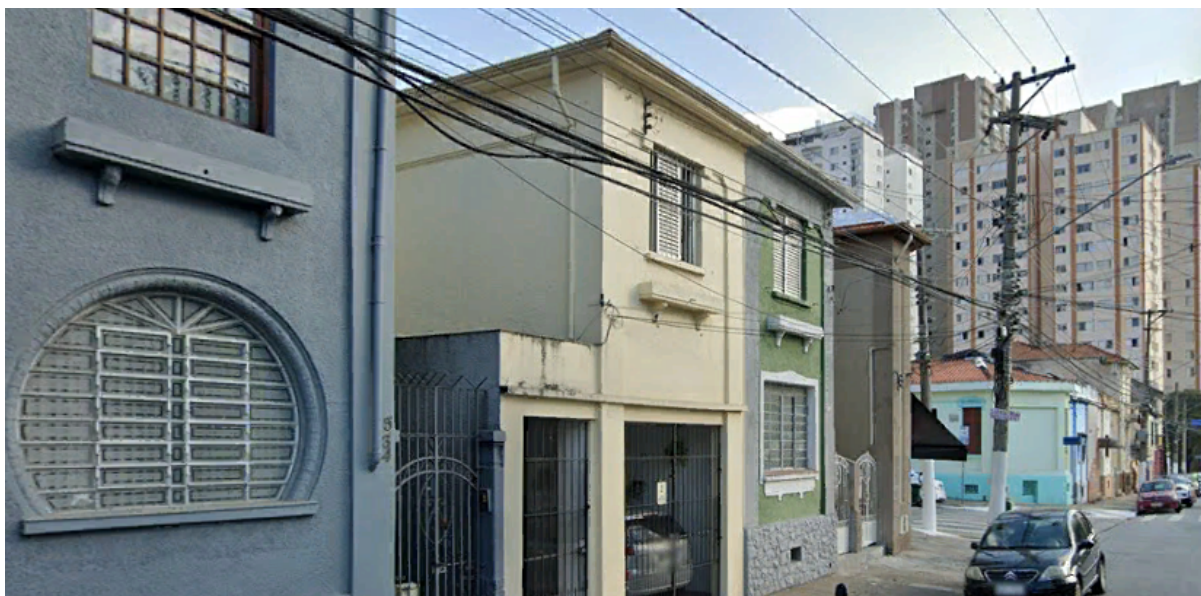


Figura 1 - Foto do contraste entre as edificações do Belenzinho Autor: Valber Ribeiro, 2022

Com o objetivo de compreender como se apresentam as práticas socioespaciais dos moradores do Belenzinho em relação ao uso e acesso à cidade, a análise ficará nesse momento apenas no plano material das moradias. Para um aprofundamento maior na tentativa de uma maior compreensão no plano da realidade vivida pelas pessoas, será necessário a realização de pesquisas qualitativas e quantitativas, que deverão ocorrer em uma possível continuidade desta investigação.

1.2. CARACTERÍSTICAS OBSERVADAS DA DESIGUALDADE NA ÁREA DE ESTUDO

O movimento de pesquisa realizado até o momento, teve como ponto de partida, as dúvidas e questionamentos constituídos durante o trabalho de campo em torno da paisagem urbana nas observações feitas nas edificações antigas e nos novos condomínios. No primeiro ponto, busquei através da observação, algumas evidências empíricas que apresentassem indícios de como as contradições na paisagem se materializam através das formas socioespaciais de habitação e sistemas de circulação. Em consonância a este primeiro contato com as áreas estudadas, iniciei a segunda parte do trabalho de campo, que se baseou em entrevistas de caráter totalmente informal com moradores locais, na tentativa de compreender minimamente como o residente de cada localidade, tem acesso e faz uso da cidade, e se há ou não diferenciações.

Nas conversas informais eu pude estar com pessoas que circulam pelo Belenzinho a cerca de 30 anos, estas se identificam como “bairristas” e frequentam o mesmo boteco a anos, conhecendo ao longo do tempo quase que totalmente a vizinhança, ao mesmo tempo em que estranham os "diferentes". Um dos assuntos nesse dia de conversas foi exatamente sobre o aumento do aluguel dos imóveis da região. Outro assunto que julguei ser pertinente foi sobre o quanto o bairro mudou ao longo dos últimos anos. Todas essas conversas instigaram a minha reflexão acerca do que eu estava observando, mas creio ser de extrema importância sistematizar perguntas, em uma possível continuidade desta pesquisa, que tenham a capacidade de alcançar o cerne das minhas indagações.

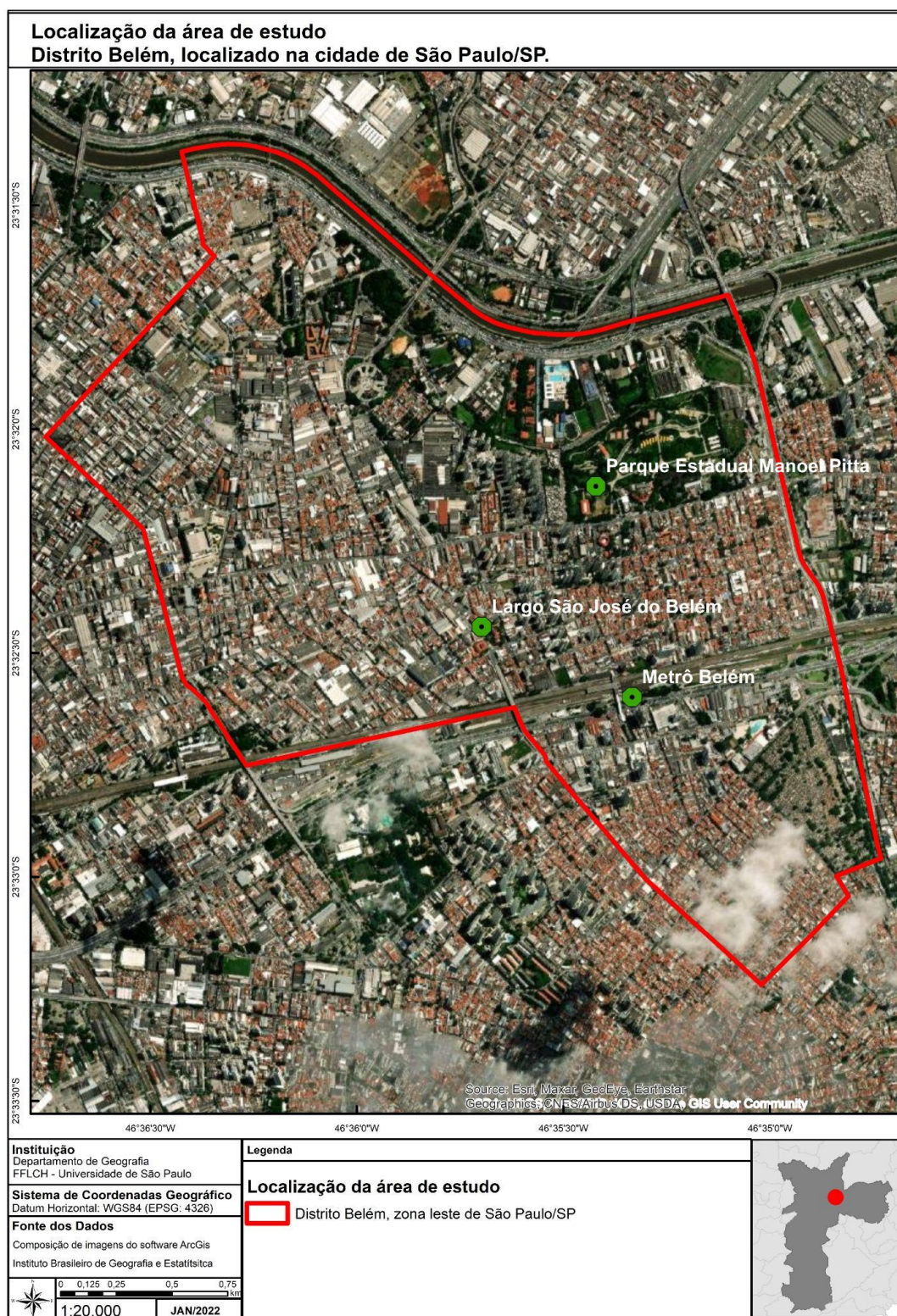


Figura 2 - Área de estudo com as referências citadas ao longo da pesquisa. Autor: Valber Ribeiro¹

¹ A localização da área de estudo é popularmente conhecida como Belenzinho, porém, o distrito é oficialmente chamado de Belém, conforme consta nos mapas dispostos no decorrer deste trabalho.

Para finalizar esse movimento, tendo como base alguns apontamentos de desigualdades registradas durante os diálogos e as diferenciações espaciais observadas in loco, tornou-se de suma importância utilizar também outra ferramenta de análise espacial e social para complementar o estudo. Portanto, utilizando a “Base de informações do Censo Demográfico de 2000” do IBGE e a “Base de informações do Censo Demográfico de 2010” também do IBGE, cujo os resultados estão dispostos por setor censitário, e tendo como variável de análise o “Rendimento nominal mensal médio dos domicílios”, foram elaborados dois mapas para uma análise espacial mais concreta:

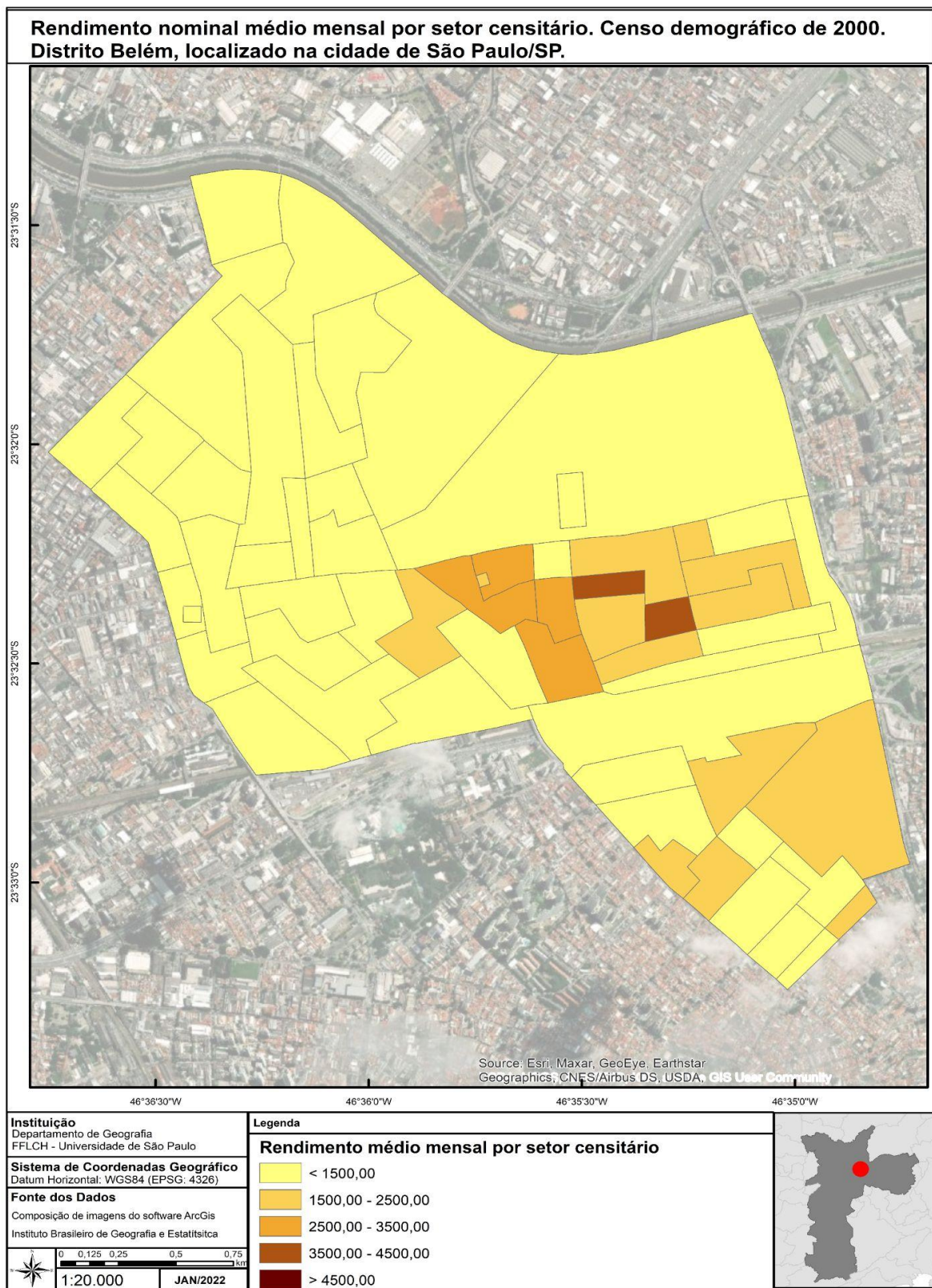


Figura 3 - Mapa de rendimento nominal médio mensal por setor censitário do censo de 2000. Autor: Valber Ribeiro

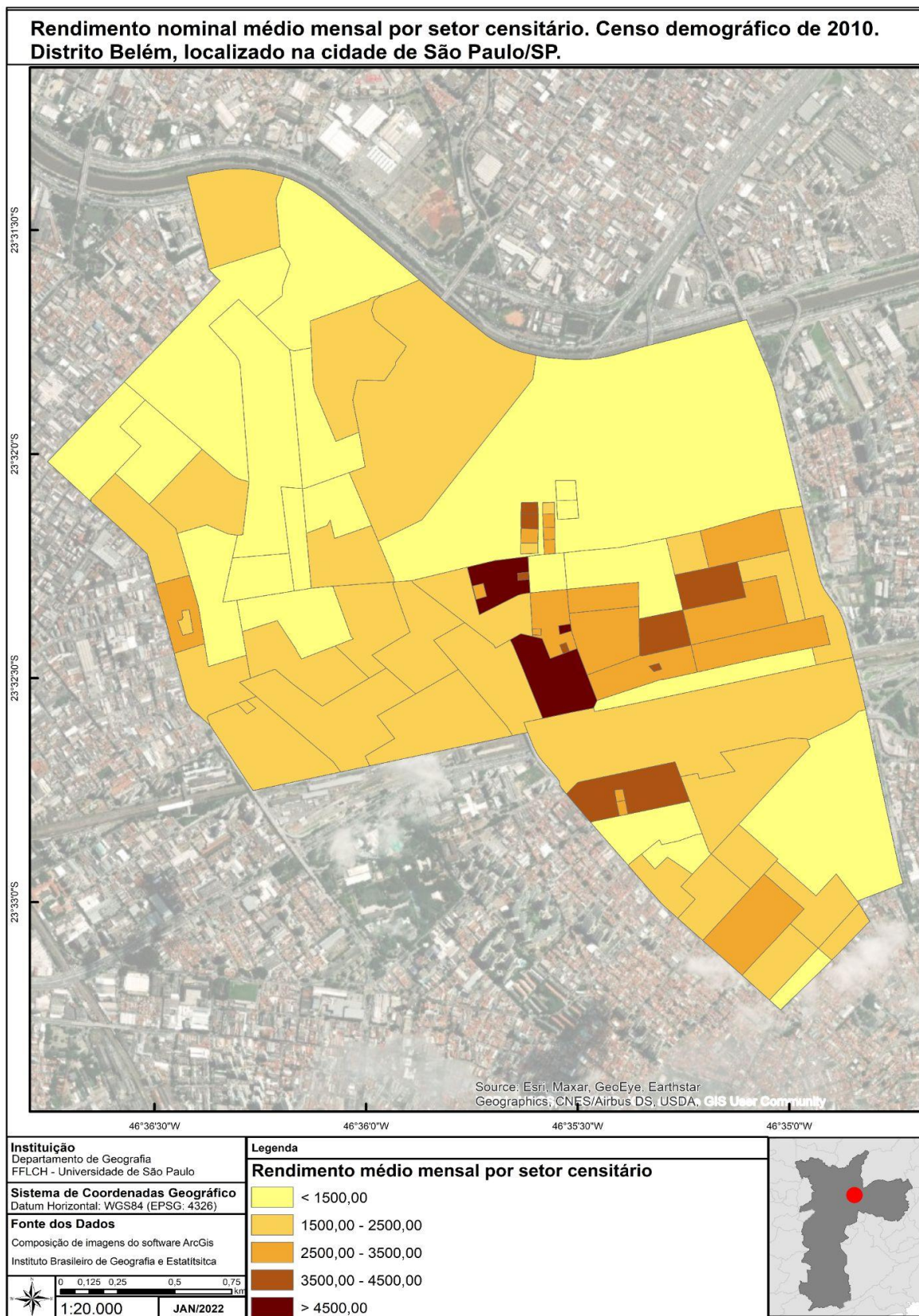


Figura 4 - Mapa de rendimento nominal médio mensal por setor censitário do censo de 2010. Autor: Valber Ribeiro

A partir de uma paleta de cores quentes que demonstra a variação de intensidade de acordo com o aumento gradual dos salários mínimos médios residenciais nos setores censitários do bairro Belenzinho, é possível observar as diferenciações socioeconômicas que há entre os setores mais ao norte-noroeste e os setores mais ao sul-sudeste. Em ambos mapas é possível notar que nos setores mais ao sul-sudeste e centro se destaca de maneira explícita, mostrando que a renda média das residências gira acima de R \$3.500,00. Já mais ao norte-nordeste do distrito de ambos mapas, nota-se que a renda média das residências gira em torno de R \$1.500,00 ou até abaixo disso. É possível constatar com base na observação da cartografia, uma expressiva desigualdade socioeconômica e um impulso a hierarquização desses grupos, através do lugar onde moram, do acesso diferenciado à cidade e do processo de trabalho que realizam.

Ao longo de todo o distrito há resquícios industriais, entretanto, assim como nos mapas, o contraste entre as edificações também acompanha esse eixo noroeste-sudeste, ou seja, as edificações e galpões mais deteriorados estão justamente mais ao norte/noroeste do distrito, já os novos condomínios estão mais na parte central, sul e sudeste do distrito. O mesmo acontece com o perfil dos moradores, os moradores antigos ou aqueles que têm o passado ligado à imigração do século XX, habitam nas ruas ao norte do Belenzinho, já os novos moradores recém chegados ao bairro, habitam exatamente os condomínios de médio-alto padrão localizados nas ruas mais ao centro e ao sul do bairro. Como já foi mencionado, é importante sublinhar que a confirmação de que o perfil dos moradores está espacializado desta forma numa outra oportunidade de pesquisa, cujo intuito será a realização das entrevistas para uma aproximação maior das pessoas residentes do Belenzinho. Foi possível inferir com as relacionando as cartografias com o que foi observado no cotidiano e nas movimentações ao longo dos trabalhos de campo.

Essa configuração em comum observada nos mapas, no padrão das edificações e no pressuposto da espacialização dos moradores, me faz pensar que está havendo neste momento uma tensão exatamente nas ruas centrais do bairro, onde o mercado imobiliário vêm se estabelecendo e há bastante circulação e comércio. As áreas mais desvalorizadas ao norte tendem a se valorizar ao longo do tempo, fazendo com que essa franja de valorização motivada de forma dialética pelo mercado imobiliário prossiga em direção à norte-noroeste.

2. PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO URBANO-INDUSTRIAL NA METRÓPOLE DE SÃO PAULO

Ao levarmos em consideração as transformações no cenário econômico ocorridas nas últimas décadas, é possível verificar que houve na mancha urbana de São Paulo uma mudança espacial. Notamos essas mudanças ao olharmos mais precisamente para bairros que tiveram relação direta com a reestruturação industrial e urbana que existiu na Região Metropolitana de São Paulo a partir da década de 1970. Como foi dito, a proposta desta pesquisa tem como objetivo entender a consequência espacial que a reestruturação industrial e urbana vem causando no desenvolvimento urbano do bairro Belenzinho e arredores, visto que este foi um local de intensa atividade industrial e com muitos moradores operários, onde grande parte eram imigrantes, conforme destaca ANDRADE (1991).

Desde o fim do século XIX e início do século XX estavam criadas as condições internas e externas para o desenvolvimento da indústria, entretanto, é a partir da década de 1930 que se inicia uma nova etapa do desenvolvimento industrial no Brasil com a ascensão da burguesia industrial, conforme aponta GOLDENSTEIN & SEABRA ([1982]2011). Portanto, essas atividades industriais alteraram profundamente a divisão territorial do trabalho visto até então no território brasileiro, entretanto, é importante destacar a consequência causada na regionalização do território, dado que o setor industrial passou a se concentrar principalmente no Sudeste e especialmente em São Paulo, alterando significativamente esse espaço. Em concordância com GOLDENSTEIN & SEABRA ([1982]2011) essa concentração em São Paulo ocorreu por razões estritamente econômicas e também por conta da atuação política da burguesia industrial dentro do aparelho do Estado. Uma das principais consequências ocorridas ao longo deste curso de industrialização, foi justamente o intenso processo de urbanização, que decorre do êxodo rural, fazendo a população da Região Metropolitana de São Paulo aumentar significativamente GOLDENSTEIN & SEABRA ([1982]2011).

Assim sendo, a expansão industrial ocorrida ao longo do século XX está diretamente relacionada com o aumento populacional da Região Metropolitana de São Paulo. Logo, é de extrema valia entender o impacto que esse fluxo migratório causou na cidade e na metrópole paulistana, principalmente nos espaços mais sensíveis a esse processo, como nos bairros industriais. Os principais bairros industriais eram aqueles que acompanhavam as linhas férreas, como por exemplo: Brás, Belenzinho, Tatuapé, Barra Funda, Água Branca, Lapa, e outros, PETRONE (1955). Esses bairros industriais foram formados inicialmente sob forte

influência da política de imigração subvencionada pelo Estado no quadro da substituição do trabalho escravo, sendo responsável pelo estabelecimento de imigrantes nestas áreas, atraídos pela atividade urbana em expansão e a incipiente atividade industrial (ANDRADE, 1991).

Por conta da rigidez dos investimentos, após a década de 1960, ficou cada vez mais claro a incapacidade do fordismo de conter as contradições inerentes do capitalismo, inviabilizando a flexibilidade de planejamento e gerando crises financeiras por superacumulação(HARVEY ,1992). A partir da década de 1960 com o início de um período de crise financeira por superacumulação e problemas com a rigidez dos investimentos de capital, há uma mudança na estratégia de produção espacial e industrial do até então fordismo para a acumulação flexível. Portanto, o consumo de massa que é característico do fordismo, passa a ser mais flexível, produzido em pequenos lotes; e o espaço que era homogêneo, com mercados de trabalho espacialmente segmentados na produção fordista, passa a ser diversificado, com uma segmentação interna do mercado de trabalho (HARVEY ,1992), tal reestruturação tem impacto direto no espaço da metrópole paulistana.

Com isso, o neoliberalismo ganha força no mundo e, mais tarde, no Brasil, afetando significativamente a relação socioespacial da metrópole, já que fica cada vez mais complexo discriminar os vários elementos e instrumentos de produção, ou seja, o trabalho isolado em um setor que não leva ao produto acabado, pelo contrário, este resulta do conjunto de todas as etapas de modo descontínuo no território. (HARVEY, 1992) destaca que com as quedas da produtividade e da lucratividade das grandes corporações americanas e europeias, devido ao acúmulo de excedentes a partir de 1966, houve uma movimentação no processo produtivo, e consequentemente a transição do fordismo para a acumulação flexível. Os excedentes foram aplicados de forma mais contundente em novos territórios. Nesse período, políticas de substituição de importações em muitos dos países subdesenvolvidos, com incremento e grande movimento das multinacionais, principalmente na América Latina e no Sudeste Asiático HARVEY (1992), e justamente aqui que entra o Brasil, e consequentemente uma região que estava num forte processo de centralização e concentração que é a Região Metropolitana de São Paulo. Sobre isso, LENCIONI (2008) diz que a metrópole de São Paulo indica um patamar da urbanização decorrente de mudanças profundas que alteram a produção do espaço, marcadas pelas transformações do sistema produtivo apreendido a nível internacional e mundial. Mudanças que estão diretamente relacionadas com a ascensão do neoliberalismo num período em que a acumulação flexível obteve cada vez mais espaço.

Meu anseio aqui é de pensar as transformações qualitativas na metrópole nesse momento de passagem da primazia do capital industrial para o capital financeiro e o que isso reflete na paisagem urbana da metrópole.



Figura 5 - Foto do Belenzinho, com galpões deteriorados e antigos em primeiro plano e condomínios recém construídos ou em construção ao fundo, próximos à região central do bairro. Autor: Valber Ribeiro, 2022

Os locais onde se notou a reestruturação industrial, na medida em que desvalorizam, também se deterioram fisicamente, sendo áreas de interesse e com um baixo custo para a realização do capital imobiliário a depender da localização e acessibilidade, ou então, tem um grande potencial de no mínimo ser um espaço reserva para possíveis investimentos futuros. Sobre isso, PADUA (2011) diz:

“Dessa forma, com o esvaziamento industrial no local onde antes a indústria era um forte elemento estruturante da vida social, estes espaços são tomados pelos agentes imobiliários como vazios urbanos a serem manejados por suas estratégias de valorização. Planeja-se (e produz-se) um novo espaço totalmente diferente do que havia antes nesses locais e com um conteúdo totalmente diferente no contexto urbano. Verifica-se que há um forte direcionamento desses espaços em direção à segregação” (PADUA, 2011, p.120) .

Para a criação da identidade, a permanência no lugar de referência da vida é fundamental, sendo assim, a reprodução econômica e política do espaço vai na contramão dessa lógica, subvertendo a vida social já estabelecida na história desses lugares desindustrializados. Esse processo de desindustrialização não envolve abarcar a partir de políticas públicas os moradores ou frequentadores antigos desses lugares, se efetivando, portanto, como um processo segregador. Este movimento de transformação nos espaços de desindustrialização se constitui como um elemento da reprodução contraditória da cidade (PADUA, 2011).

3. A PAISAGEM URBANA NA METRÓPOLE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

Além de me debruçar no processo de reestruturação industrial, acredito ser pertinente olhar para o que houve neste espaço nos últimos anos, onde parto da hipótese de que está havendo uma valorização e uma consequente tensão entre o mercado imobiliário e os antigos moradores do bairro. CARLOS (2013) diz:

"(...) o espaço é produto, condição e meio do processo de produção da sociedade em todos os seus aspectos. O espaço é entendido em função do processo de trabalho que o produz e reproduz a partir da relação do homem com a natureza. Assim, o espaço se cria a partir da natureza que é totalmente transformada no curso de gerações. Da natureza brindada ao homem, a terra se transforma em produto na medida em que o trabalho a transforma substancialmente em algo diferente" (CARLOS, 2013).

Assim sendo, o espaço geográfico da metrópole é vulnerável ao processo de produção da sociedade, pois, ele está se metamorfoseando a todo instante, valorizando, desvalorizando e revalorizando. Sobre esse movimento dialético, ALVES (2015) diz que:

“Se centralidade única era característica nos anos 1970 em São Paulo, hoje já não é mais assim, com outras diversas centralidades que surgem num processo dialético, já que a qualidade de centralidade que era a única e que impactava grande valorização do espaço na área central também, por outro lado, promoveu, juntamente com o processo de especulação imobiliária em outras áreas da cidade, um movimento de desvalorização imobiliária dessa

área central e, ao mesmo tempo, um processo de valorização de outras áreas”(ALVES, 2015, p.145).

Por isso, é extremamente pertinente olhar com apreço para o bairro Belenzinho, um lugar que está diretamente ligado com a ascensão da indústria brasileira, com a chegada de muitos imigrantes e consequentemente impactado com o processo dialético das multi e policentralidades que foram surgindo na metrópole paulistana.

Segundo CARLOS (2013) o fato da cidade ser pautada pela lógica da mercadoria, faz com que os habitantes que ali residem percam, ao longo do tempo, suas raízes na medida em que o espaço vai se transformando, sendo quase que irreconhecível no tempo. Haverá cada vez mais elementos no espaço que irão reforçar o não reconhecimento do mesmo, um exemplo disso é o lazer na metrópole sendo atrelado à mercadoria, pois, irá acessar determinados espaços apenas quem tem poder aquisitivo para tal função.

ALVES (2011) em sua pesquisa faz um importante destaque na dinâmica espacial desses espaços desindustrializados:

Os espaços onde antes se encontravam indústrias e áreas com residências operárias temos, depois do processo de desvalorização pela saída, fechamento, falência das empresas, uma mudança populacional a partir da reprodução espacial: muitas vezes há, e daí a importância do Estado nesse processo de valorização, mudanças na lei de zoneamento local, transformando as áreas em uso misto (habitacional e serviços), voltadas, pelo tipo de empreendimentos criados, a uma população de média ou alta renda que passa a se apropriar, a partir da propriedade privada da área (ALVES, 2011, p. 37).

Essas transformações espaciais, incentivadas e incrementadas à reprodução do capital, buscam mudanças profundas aos que vivem no bairro desindustrializado. Segundo ALVES (2011), o discurso pode estar atrelado a modernização do espaço, da inserção e articulação à escala global, moradores mais antigos são “convidados” a se retirarem de seus antigos lugares de moradia para dar lugar aos chamados espaços modernos voltados quase exclusivamente ao consumo.

Por mais que haja resistências no Belenzinho, é notório a transformação que vem ocorrendo quando olhamos para o mercado imobiliário, com condomínios recém construídos e outros em construção, além do modo de vida no bairro ir se transformando pouco a pouco numa tensão com um modo de vida antigo que já vêm existindo no bairro a mais tempo.

Importante dizer que no Belenzinho acontecem diversas relações, se revelando portanto como um espaço extremamente heterogêneo. Porque por exemplo, quando olhamos para o Largo São José do Belém, local onde está localizada a matriz do bairro, vemos desde padaria portuguesa de médio porte, ‘vendinhas’ familiares menores, agências de banco, a Paróquia São José do Belém e todo o comércio informal ao seu redor. São diversos elementos que pressupõem a circulação de diversos grupos de pessoas com tempos diferentes, logo, acessando esse espaço de modo desigual.

Apesar de toda essa heterogeneidade, os condomínios de médio-alto padrão chegam para homogeneizar e fragmentar um espaço que borbulha com muitos elementos oriundos diretamente das histórias dos imigrantes que ali estiveram. E isso ocorre por meio do consumo, ou seja, apenas alguns terão o acesso a cidade, quase como se sempre precisasse de ingressos para acessar o espaço.

O preço do metro quadrado é elevado na medida em que há um incremento de especulação imobiliária, a relação entre as pessoas passa a ser marcada pela mercadoria, pelo dinheiro conforme diz CARLOS (2013), atraindo comércio onde o consumo vigora cada vez com mais força, contraditoriamente eliminando o valor de uso e o encontro.

No Belenzinho certos comportamentos, modo de se vestir e gestos equalizam costumes, isso é notado ao andar pelas ruas do bairro, onde há um conflito entre os diferentes, ou melhor dizendo, em outras palavras é justamente esse comportamento que chega para homogeneizar versus aqueles que estão ali de certa forma resistindo neste momento da história. Sobre isso, CARLOS (2013) diz que "têm um jeito de se vestir, um corte de cabelo, uma linguagem, um modo de portar-se, e até gestos que homogeneizam comportamentos e excluem o diferente."

“Esse padrão arquitetônico da cidade também segrega, separa, expulsa”(CARLOS, 2013 p.21). A própria cidade como mercadoria induz essa forma forma de expulsão, pois, na medida em que para efetivar a valorização do espaço, será necessário cada vez mais o tempo nesse espaço ser determinado como mercadoria, sendo assim, só quem passará a acessar as diversas mercadorias dispostas neste espaço que irá ditar o padrão, o modo de vida e conseqüentemente a homogeneização. Os demais serão expulsos ou então segregados, marcados como os diferentes.

Penso que no Belenzinho o dito diferente é quem tem os maiores laços com o bairro, eles estão concentrados na parte norte-noroeste do bairro, enquanto que mais para parte central e para a parte sul-sudeste do bairro próximo ao metrô Belém, estão as pessoas que chegam para homogeneizar, padronizar, consumir e expulsar. Isso é perceptível quando olhamos para as edificações, na parte norte-noroeste do bairro, os prédios e casas são das décadas de 1950 e 1960, enquanto que no centro e sul-sudeste do bairro estão surgindo novos condomínios residenciais.



Figura 6 - Foto do Belenzinho, com diferentes padrões das edificações, próximos à região central do bairro, marcando o exato ponto da tensão. Autora: Nakamello, 2021

A minha questão é de que essa tensão está acontecendo de forma mais explícita no eixo NO-SE concretamente. Quando parei para analisar, verifiquei que esse lugar concreto tem endereços onde a vida e o encontro acontecem. O Largo São José do Belém, e o Parque

Estadual Manoel Pitta são dois dos lugares mais movimentados da região, lugares onde o encontro dos diferentes ocorre, mil conflitos estão defronte uns aos outros. Desta forma, CARLOS (2013) diz:

“O processo de reprodução espacial envolve uma sociedade hierarquizada, dividida em classes, produzindo de forma socializada para consumidores privados. Portanto, a cidade aparece como produto apropriado diferencialmente pelos cidadãos. Essa apropriação se refere às formas mais amplas da vida na cidade; e nesse contexto se coloca a cidade como o palco privilegiado das lutas de classes, pois o motor do processo é determinado pelo conflito decorrente das contradições inerentes às diferentes necessidades e pontos de vista de uma sociedade de classes” (CARLOS, 2013, p.23).

Dessa forma, a cidade reflete que o mundo dos homens é o mundo das coisas, das mercadorias, por consequência a desigualdade espacial é produto da desigualdade social CARLOS (2013).

Com o espaço atrelado à mercadoria, ou seja, ora está se realizando, se valorizando ora trata-se de território-reserva, logo desvalorizando para possíveis investimentos futuros do capital imobiliário. O resultado, no fim, será sempre a obtenção da maximização do lucro e a consequente segregação. “São Paulo vai ao encontro de um projeto de globalização econômica das cidades, que, tendencialmente, aprofunda a dinâmica de segregação social, com a tentativa de higienização social de determinados espaços da cidade” (ALVES, 2011, p.34).

Em contrapartida, o cotidiano tem potência de realizar-se como o lugar do enfrentamento, da resistência na disputa entre o permanente e o mutável, visto que apesar de haver um agravamento do individualismo, uma força para a fragmentação cada vez maior dos indivíduos, alguns dos moradores mais antigos mantêm seus velhos hábitos e encontros com a vizinhança há anos, pude presenciar isso cotidianamente ocorrendo em um boteco localizado na rua Belém.

O espaço é múltiplo, cada multiplicidade está num determinado tempo, ritmo. Na medida em que as pessoas se relacionam, elas se estranham, ou se reconhecem, nas ruas do Belenzinho essas multiplicidades podem ser traduzidas nos contrastes das edificações do bairro quando comparamos as casas e prédios mais antigos com os edifícios de condomínio fechado que chegam cada vez em maior número no bairro, conforme é possível notar na comparação das imagens do ‘Google Earth’:



Figura 7 - Imagem do Google Earth do ano de 2002 do bairro Belenzinho, zona centro-leste de São Paulo/SP. Autor: Valber Ribeiro, acesso em 2022



Figura 8 - Imagem do Google Earth do ano de 2012 do bairro Belenzinho, zona centro-leste de São Paulo/SP. Autor: Valber Ribeiro, acesso em 2022

Na comparação das imagens acima, é possível notar que ao longo de dez anos, de 2002 a 2012, houve uma intensa diferenciação espacial no fragmento destacado, com o aumento significativo de condomínios fechados, ocupando justamente o terreno onde continha grandes galpões, como é possível perceber no quarteirão na parte superior à direita das imagens, ou então, condomínios construídos em terrenos baldios que muito provavelmente já estavam destinados a esse uso em 2002, no centro das imagens.

Enquanto uma edificação, mais nova e moderna é voltada para classe média-alta e para a classe alta, a outra, mais deteriorada, ainda serve de local de moradia daqueles mais antigos do bairro. Sobre isso, Carlos fala que “a paisagem urbana, enquanto forma de manifestação do espaço urbano, reproduz num momento vários momentos da história. Aí emergem os movimentos, a multiplicidade dos tempos que constituem o urbano (CARLOS, 2013, p.24). Como diria a CARLOS (2013) a paisagem urbana é expressão do trabalho social materializado, ou seja é um modo de vida, uma expressão materializada que quando refletida, mostra uma desigualdade entrando em conflito. Ao estar próximo das pessoas do Belenzinho nos últimos meses, compartilhando dos seus cotidianos, identifiquei que esses conflitos acontecem principalmente nesta franja destacada por mim que avança no sentido

SE-NO e estão contidos na tensão existente entre os moradores antigos versus os moradores recém chegados. Para complemento dessa ideia, CARLOS (2013) fala:

“A paisagem urbana, tem a dimensão da história e do socialmente reproduzido pela vida do homem. É expressão do trabalho social materializado, mas também é expressão de um modo de vida. A desigualdade que pode ser percebida “no olhar-se a paisagem” é consequência dos contrastes decorrentes do processo de produção do espaço urbano”(CARLOS, 2013, p.24).

Quando penso no bairro Belenzinho, o contraste social e arquitetônico é umas das características mais evidentes do bairro, ainda mais pensando no ponto de tensão destacado por mim tendo o foco nos arredores da praça central do bairro.



Figura 9 - Foto do contraste entre as edificações do Belenzinho, com edificações antigas ou de alvenarias em primeiro plano e parte de novos condomínios ao fundo, na parte superior da foto. Autor: Valber Ribeiro, 2022

A urbanização e a industrialização são fenômenos mundiais, o desenvolvimento das forças produtivas gera mudanças constantes e com estas, a modificação do espaço urbano. Essas mudanças são cada vez mais profundas e com uma velocidade cada vez mais acelerada, gerando novos ritmos de vida e configurações espaciais. Por outro lado, o espaço é cada vez mais o espaço mundial, ou seja um espaço global, além das decisões nessa lógica passarem a serem tomadas a milhares de quilômetros de distância (CARLOS, 2013).

Portanto, os novos empreendimentos que vêm se instalando pouco a pouco no Belenzinho, demonstram o quanto esse fragmento do espaço aparece como uma mercadoria consumida de acordo com as leis da reprodução do capital. Conforme a ideia desenvolvida por CARLOS (2013), o processo de produção da cidade tem por qualidade principal produzir

um produto que é fruto do processo social de trabalho, enquanto processo de valorização. Desta forma, entende-se que esse fragmento citado nada mais é do que mercadoria, logo, necessita da realização que é obtida através do mercado, sendo comprada e vendida no mercado imobiliário enquanto mercadoria. Isso ocorre na metrópole e apenas a realização da mercadoria interessa, os indivíduos que entram nessa equação são apenas aqueles que têm poder aquisitivo para acessar essa mercadoria, os demais são negligenciados. Essa negligência é a causa fundamental para os conflitos visíveis na paisagem.

O resultado na paisagem urbana do fragmento estudado, expressa as contradições que estão no âmago de uma sociedade de classes, a consequência disso é a segregação vigente, que vêm das diversas formas de apropriação da terra que têm seu sentido no desenvolvimento desigual das relações sociais dentro da sociedade.

Ao meu ver, o agente principal que está no centro da crise urbana, e nos conflitos postos, é justamente o poder conferido pela propriedade privada da terra que cria as atuais normas de acesso à cidade, tanto no que se refere à moradia, como às condições de vida, expressas na contradição entre a riqueza e a pobreza. Um espaço que se reproduz levando em conta as prioridades do mercado imobiliário de forma contraditória à vida, acaba reproduzindo conflitos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É pertinente refletir na possibilidade de estar ocorrendo um processo de gentrificação no espaço estudado, porque há todos os elementos para tal fenômeno segundo a teoria desenvolvida por Smith. Primeiro que o Belenzinho foi uma centralidade devido às movimentações oriundas das Indústrias e por estar apenas cerca de 4km do centro velho da cidade de São Paulo. Segundo, com a desindustrialização no local, há o movimento de desvalorização espacial da área, fazendo com que os grandes empresários que moravam no bairro se desloquem para outras regiões da metrópole. Por fim, é evidente a partir da mudança espacial dos últimos anos com a chegada de novos condomínios de médio-alto padrão que está havendo um massivo investimento deste setor no bairro, logo, passando a ideia de uma possível revalorização e uma consequente segregação e expulsão dos moradores mais antigos. Em complemento à hipótese, PADUA (2007) diz que:

“Nessa sua ideia de gentrificação como fronteira, Smith mostra que os agentes principais deste processo são os grandes grupos econômicos, incluindo aí o Estado. Cria-se uma demanda por centralidade, inclusive lançando mão de uma série de dispositivos culturais que servem de base ideológica para a gentrificação. Fica claro que, para a realização do avanço do capital sobre o espaço, é sempre necessária uma grande e ostensiva carga ideológica. No entanto, este avanço sempre vai entrar em conflito com a irredutibilidade do espaço como dimensão essencial da vida. As estratégias do capital no espaço o negam como espaço da apropriação do corpo, como espaço de realização plena da vida, pois o preenche com mediações econômicas que balizam as normas e garantem a propriedade privada da terra” (PADUA, 2007, p.111).

No caso específico da desindustrialização ocorrida no Belenzinho, se trata justamente do estabelecimento de novas centralidades em uma possível revalorização espacial, promovidas por grandes agentes econômicos, voltadas principalmente para a moradia e consumo da classe média alta, desta forma, colocando em ameaça a permanência da população que reside no bairro a mais tempo.

Desta forma, a valorização do espaço, pretendida pelo processo do capital, precisa, contraditoriamente, da desvalorização para a recriação contínua de novas frentes de expansão para o capital e com isso necessariamente haver a revalorização do espaço, independente do que isso signifique para a vida em si das pessoas residentes neste espaço. Segundo PADUA (2007):

“Lugares produzidos como espaços de consumo, destituindo, portanto, funções centrais como a de moradia e a da troca no espaço público pelos diferentes. Dessa forma, amplifica-se a contradição presente na vida urbana, pois as centralidades que se impõem no espaço contraditoriamente esvaziam o conteúdo concreto da centralidade, que é aquele da concentração das conquistas da civilização; das possibilidades do encontro da reunião; da cultura; da potencialização das formas de sociabilidade” (PADUA, 2007, p.109).

Esse processo de desindustrialização seguido da tríade valorização-desvalorização-revalorização ao realizar-se visando o lucro imobiliário com condomínios residenciais de médio-alto padrão, fragmenta o espaço e a vida cotidiana daqueles que ali vivem.

Entretanto, vejo que no Belenzinho esse movimento homogeneizador não completou o seu ciclo, está em curso, um dos elementos presentes nas ruas do bairro que me traz esta reflexão, é observar a tensão existente entre pessoas enclausuradas em seus novos condomínios e pessoas que utilizam a rua, o parque e as praças de uma forma em que o corpo

ocupa o espaço público, onde acontece o encontro dos diferentes sem uma intermediação direta necessariamente da mercadoria.

A onda homogeneizadora avança para o sentido norte e noroeste, pois, nesses locais ainda há uma extensa reserva de terrenos em contrapartida justamente com os primeiros condomínios do bairro terem se localizados na parte mais central e na parte sul. O reflexo desse panorama é o encontro dos diferentes estarem acontecendo no encontro desse contraste, mais especificamente nas ruas centrais do bairro onde estão os comércios e serviços.

Ao circular pelas ruas do bairro em distintos dias da semana, pude reparar nesse possível choque entre a força homogeneizadora que vem crescendo e a resistência dos que vêm se mantendo. A pergunta que me resta, é saber até quando essa resistência se manterá? Apesar dessa força ser extremamente autêntica, fazer parte da vida de milhões de brasileiros e periféricos espalhados pelo mundo, a força homogeneizadora chega para arrebatá-lo, independente do que esteja pelo o caminho, o objetivo final será sempre a obtenção de maiores lucros possíveis. Segundo CARLOS (2013), o espaço é um produto social em ininterrupto processo de reprodução, o que significa que o bairro Belenzinho passará cada vez mais a estar sob a lógica do capital imobiliário que vem enxergando a possibilidade de valorização nesse espaço.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. A. A segregação socioespacial na metrópole paulista. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 29 - Especial, pp. 33 - 42, 2011.

_____. Transformações e resistências nos centros urbanos. In: Crise urbana[S.l: s.n.], 2015.

ANDRADE, Margarida Maria de. Brás, Moóca e Belenzinho - "bairros italianos" na São Paulo além-Tamanduateí: Trabalho apresentado no Seminário "Indagações sobre a presença italiana no Estado de São Paulo" realizado na FFLCH-USP, em outubro de 1991.

CAMARGO, Katia Gavranich. Na terra dos dálmatas: Um mapeamento afetivo dos bairros do Belenzinho e da Mooca - Revista do Centro de Pesquisa e Formação/Nº4, São Paulo, 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade. São Paulo: Contexto, 2013.

CASTRO, Danilo Martins de. & FILHO, Fadel David Antonio. A cultura como forma de resistência ao processo de metropolização: O caso do bairro da Mooca-SP - Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, Nº22, p. 43-53, 2007.

GOLDENSTEIN, Léa & SEABRA, Manoel. Divisão Territorial do Trabalho e Nova Regionalização. Revista Do Departamento De Geografia, 2011, primeira publicação em 1982. Disponível em [https:// www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47065](https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47065)

HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

LENCIONI, Sandra. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. Rev. geogr. Norte Gd., Santiago , n. 39, p. 7-20, 2008.

PADUA, Rafael Faleiros de. Implicações socioespaciais da desindustrialização e da reestruturação do espaço em um fragmento da metrópole de São Paulo - Dissertação (Mestrado) FFLCH-USP - São Paulo, 2007.

_____. Produção e consumo do lugar: espaços de desindustrialização na reprodução da metrópole - Tese (Doutorado) FFLCH-USP - São Paulo, 2011.

PEREIRA, Verônica Sales. Memória industrial e transformações urbanas na virada do século XXI: Os casos do Brás, Mooca, Belenzinho e Pari. Interfacehs-v.2, n.4, Artigo 6 - São Paulo 2007.

PETRONE, Pasquale. A cidade de São Paulo no século XX. v. 10 n. 21-22, 1955.